

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA DO
MOVIMENTO HUMANO, SOCIEDADE E CULTURA**

**O FUTEBOL ENTRE OS FERROVIÁRIOS DE SANTA
MARIA-RS.**

ARTIGO DE ESPECIALIZAÇÃO

Trícia Andrade Cardoso

Santa Maria, RS, Brasil

2013

O FUTEBOL ENTRE OS FERROVIÁRIOS DE SANTA MARIA-RS.

por

Trícia Andrade Cardoso

Artigo apresentado ao curso de especialização em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura**

Orientador: Prof. Marco Aurélio Acosta

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de especialização em Pesquisa do Movimento Humano,
Sociedade e Cultura**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Artigo de especialização**

O FUTEBOL ENTRE OS FERROVIÁRIOS DE SANTA MARIA-RS.

elaborada por
Trícia Andrade Cardoso

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura

COMISSÃO EXAMINADORA

Marco Aurélio Acosta, Dr.
(Presidente/Orientador)

Juliana Franchi da Silva, Me. (UFSM)

Antonio Augusto Berni, Me. (UFSM)

Santa Maria, 28 fevereiro de 2013

O FUTEBOL ENTRE OS FERROVIÁRIOS DE SANTA MARIA-RS.

Trícia Andrade Cardoso¹
Marco Aurélio Acosta²

RESUMO:

Este artigo propõe-se a fazer um estudo acerca de um clube de futebol da cidade Santa Maria – RS, mais especificamente o Riograndense Futebol Clube. Esse estudo foi realizado pelo fato do clube ter a sua origem diretamente relacionada com o setor ferroviário e atualmente possuir inúmeros aposentados ferroviários que percebem o clube como momento de lazer. O estudo usa história de idosos que estão relacionados com clube e, além disso, fotografias e também foi feito um levantamento bibliográfico, a fim de se conseguir transmitir a relação existente entre o Riograndense e o setor ferroviário de Santa Maria- RS.

Palavras-Chave: Ferrovia. Futebol. Idosos.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo possui por finalidade analisar a relação entre a ferrovia e o universo futebolístico de Santa Maria, mais especificamente com o Riograndense Futebol Clube. Os dados e algumas fontes apresentadas nesse estudo sobre o Riograndense fazem parte da pesquisa feita para o Livro do Centenário do Clube, intitulado *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino*. Vale ressaltar que integrei o quadro dos autores e pesquisadores³.

Esse estudo usou de uma metodologia histórica⁴ ao modo que reuniu diferentes informações a respeito da história do clube e sua relação com a ferrovia de Santa Maria-RS.

¹ Bacharel em Ciências Sociais (2010), acadêmica do 8º semestre do Curso de Sociologia (EAD-UFSM). E-mail: tricia.cardoso@hotmail.com

² Orientador - Graduado em Educação Física. Doutor em Educação Física pela UFSM. Vínculo Institucional: Professor adjunto da UFSM. E-mail: marco.acosta@bol.com.br

³O livro foi organizado pelo Dr. João Rodolpho Amaral Flores para o centenário do clube, que foi em maio/2012 e possui os seguintes autores: Alexandre Rossatto; Antonio Augusto D. Berni; Candido Otto; Henrique Cignachi; Juliana Franchi; Nathalia Lima; Rosana Vargas; Trícia Cardoso. A pesquisa desse livro tem créditos de todos esses autores, já citados.

⁴“Os estudos de natureza sócio-histórica, compreendem o estudo dos grupos humanos no seu espaço temporal e preocupada em discutir os variados aspectos do cotidiano das diferentes classes e grupos sociais. O método de pesquisa histórica caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que tem relação com ocorrências do passado”(PADILHA, acesso internet em 15/03/13)

Isso foi feito através de histórias de idosos⁵, fotografias e dados bibliográficos que ajudassem a demonstrar a relação entre essas instituições.

O artigo está estruturado da seguinte forma: o primeiro momento será dedicado para uma breve apresentação da História da ferrovia no município de Santa Maria, o segundo momento vai abordar o contexto futebolístico e sua relação com setor ferroviário e, por fim, serão apresentados dados que fazem parte de uma pesquisa que resultou no livro do centenário do Riograndense.

Diante disso, é importante fazer um estudo acerca do Riograndense Futebol Clube a fim de verificar qual a representação é predominante sobre o Riograndense Futebol Clube, buscando o significado que ele tem para os aposentados ferroviários que atuaram no Riograndense.

1 A FERROVIA DE SANTA MARIA:

A ferrovia surgiu como um meio de transporte inovador capaz de desenvolver e de fazer a modernidade chegar aos mais distantes lugares. A modernização não era somente a ferrovia em si, mas tudo que podia vir com ela. As mudanças ocorriam devido às relações econômicas proporcionadas pelas interligações do trem. O que fazia as cidades se desenvolverem era o que o trem transportava, eram as interligações entre as mais diversas localidades, era o fluxo mais fácil de pessoas e de notícias.

Vastas redes de trilhos reluzentes, correndo por aterros, pontes e viadutos, passando por atalhos, atravessando túneis de mais de quinze quilômetros de extensão, por passos de montanha da altitude dos mais altos picos alpinos, o conjunto das ferrovias

⁵Histórias de pessoas idosas que foram coletas para o livro do *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino* e outras encontradas nas bibliografias pesquisadas para o presente artigo.

constituía o esforço de construção pública mais importante já empreendido pelo homem. Elas empregavam mais homens que qualquer outro empreendimento industrial. Os trens alcançavam o centro das grandes cidades - onde suas façanhas triunfais eram festejadas com estações ferroviárias igual triunfais e gigantescas – e às mais remotas áreas da zona rural, onde não penetrava nenhum outro vestígio da civilização do século XIX. (HOBSBAWM,1998,p.48)

No Brasil, os trilhos ligaram diferentes regiões e levaram o progresso, o crescimento a diversas localidades, além de proporcionarem a integração entre essas localidades, o que, sem os trilhos, tornava-se algo difícil devido à grande extensão territorial do país. Conforme Flôres (2007), Souza (2007); Jobim (2008), o trem era sinônimo de modernidade e também de segurança. Desde as primeiras construções, tinha-se interesse em fazer as linhas chegarem ao Sul do Brasil, especialmente ao Rio Grande do Sul, onde as divisas territoriais preocupavam a segurança nacional. Além disso, antes da ferrovia, o progresso no Rio Grande do Sul estava ligado às atividades do campo, pouco desenvolvidas devido ao comércio desses produtos estar restrito a pequenas extensões. Após a chegada da ferrovia, surgiram novas oportunidades de escoamento da produção e de consumo da mesma junto ao grande número de trabalhadores que a ferrovia passou a concentrar em seu entorno.

Segundo dados de Flôres (2007), as primeiras obras das estradas de ferro iniciaram em 26 de novembro de 1871, eram para a construção do trecho de Porto Alegre a Novo Hamburgo, o qual foi concluído em 1º de janeiro de 1876. Em 10 de setembro de 1873, através do Decreto Imperial 2.397, foi iniciada uma das mais importantes estradas de ferro do RS, que ligou a fronteira oeste com o litoral. De acordo com Hilling (2005), essa linha ligaria Porto Alegre a Uruguaiana e se fez necessária devido ao crescimento da agricultura e da pecuária que gerou um forte crescimento na indústria de carnes e derivados. Dessa forma, a estrada teria função estratégica em relação ao contrabando que tanto prejudicava o comércio.

Então dessa estrada é que os trilhos chegaram a Santa Maria. As obras começaram em 1877, mas os trilhos somente teriam o trajeto concluído até a cidade de Santa Maria em 10 de

setembro 1885. Algumas dificuldades eram enfrentadas durante as construções das estradas de ferro: trajetos inadequados, baixa qualidade do material utilizado, poucos equipamentos e também dificuldades de ordem administrativa. No Rio Grande do Sul, a maioria da administração era belga, feita pela *Companhie Auxiliairie de Fera Au Brésil (Cia. Belga)*. Segundo Hilling (2005), as primeiras estradas de ferro que foram construídas no Rio Grande do Sul, eram na época, propriedade do governo do estado ou de empresas estrangeiras arrendatárias, por causa da impossibilidade do governo criá-las e mantê-las. A Companhia belga assumiu a maioria das estradas de ferro devido ao contrato de 1905, assinado com o Governo Federal, logo em seguida a Companhia belga transferiu os escritórios da empresa para a cidade Santa Maria.

Essa medida, segundo artigos de jornais da época, desagradou porque retirou do litoral (especialmente de Rio Grande) forte eixo econômico do estado, a estrutura administrativa da empresa. Os jornais de Pelotas e Rio Grande reclamaram que essa transferência significaria o distanciamento desses centros e que Santa Maria era apenas uma cidade do interior do estado sem grandes perspectivas. Aliado a esse fato, a Companhia belga gerou polêmica também pela mudança de muitas famílias. (HILLIG, 2005, p.27)

A cidade de Santa Maria pertencia à região do centro do Estado pouco desenvolvida, porém, sua localização era tida pelos belgas como estratégica, pois possuía acesso a várias estradas de ferro do Estado. A chegada dos Belgas fez com que o município se desenvolvesse nos setores de saneamento, de iluminação, de educação, de abastecimento de água e de outras obras, o que melhorou a condição de vida dos moradores.

No início, a cidade era vista como um local de passagem, porém, com essas melhorias, aos poucos, passou a ser um local de parada obrigatória para os que passavam, por causa dos negócios, das oportunidades de trabalho e do desenvolvimento humano. De acordo com Flôres (2007), a ferrovia impulsionou o desenvolvimento da cidade, porque diminuíram as

dificuldades de transporte da produção local e regional, isso trouxe inúmeras melhorias para toda a população, tanto em aspectos econômicos quanto culturais. Com o passar do tempo, os ferroviários foram fazendo mudanças sociais e culturais no cenário de Santa Maria. Fizeram suas contribuições através da sua identidade de trabalhadores ferroviários, criaram clubes sociais, sociedades recreativas, representações de categorias sociais, profissionais, de grupos étnicos, de ações culturais, de políticas e também interesse na prática desportiva.

Na história ferroviária do Rio Grande do Sul, o Clube pode ser considerada um dos mais importantes símbolos do apogeu da Viação Férrea e da cidade de Santa Maria, ao lado da Escola de Artes e Ofícios, do Hospital Casa de Saúde, do Hospital de Caridade, da Sociedade 13 de Maio, da Escola Rui Barbosa, das vilas Belgas e Brasil, da Cooperativa (Coopfer), do Amparo Mútuo, das várias associações dos ferroviários, da União dos Caixeiros Viajantes (SUCV) e, mais recentemente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Conforme o *site* oficial do Clube: “O clube da Rua Pedro Gauer, como assim era chamado, era o destino de amigos e famílias ávidas de um lazer de fim de semana, assim como era fonte extra de sobrevivência para alguns ferroviários que entravam em campo com as cores esmeraldina (FLÔRES, 2012, p.49)

De acordo com Hillig (2005), a convivência em espaço de não trabalho contribuiu para a criação da representação da grande família ferroviária. A maioria dos trabalhadores e seus familiares residiam próximos uns dos outros e se encontravam em bailes, na cooperativa, açougue, padaria, farmácias, escolas (as que eram mantidas pelo setor ferroviário) e jogos de futebol. Então as pessoas tinham um relacionamento que ia além do trabalho, sendo que o futebol, mais especificamente o Riograndense, fazia parte do lazer de muitas pessoas, pois era comum aos domingos irem com toda a família assistir a um jogo de futebol.

2 O FUTEBOL

O futebol é uma prática esportiva que se define como uma manifestação cultural, o qual se difundiu por diferentes classes sociais. De acordo com Melo (2000, p.15), o futebol

surgiu nas escolas da burguesia inglesa como medida para controlar os impulsos dos jovens, gerando valores de boa conduta e honestidade. Suas primeiras regras foram criadas em 1863 através da Football Association. Essas regras foram adaptadas para o futebol atual, porém suas bases foram mantidas. Esse esporte surgiu entre as camadas mais ricas da população e foi difundido entre todas as classes sociais.

Devemos compreender a cultura a partir de sua circularidade. A cultura que é produzida no seio das classes mais abastadas da sociedade sofre influências da cultura das camadas populares. E tais camadas apreendem as manifestações geradas pelas classes ricas, conferindo novos sentidos e significados. (MELO, 2000, p.16)

No Brasil a difusão do futebol está relacionada com Charles Miller, filho de um inglês que trabalhava na São Paulo Railway, o qual foi para Inglaterra para estudar e lá se envolveu com as práticas futebolísticas e, ao retornar para o Brasil, trouxe em sua bagagem duas bolas de futebol, camisas, regras e experiência do esporte. De acordo com Melo (2000, p.20), “somente em 1895, Charles Miller conseguiu convencer seus pares a exercitar mais efetivamente o futebol, ano em que foram realizadas as primeiras partidas”. O esporte também foi difundido através de funcionários ingleses que moravam no Brasil e que trabalhavam em empresas inglesas.

O futebol acabou fazendo parte das atividades de lazer dos ferroviários e, além disso, o esporte era incentivado pelas empresas como modo de afastar os trabalhadores de sindicalismo, associações que poderiam requerer/reivindicar melhorias em seu local de trabalho. Tornou-se comum, então, o uso dos espaços das várzeas, localizadas próximas aos seus locais de trabalho, para a prática do esporte nos momentos de descanso (FLÔRES, 2008, p. 280).

O futebol era compreendido como forma de lazer para reunir amigos, podemos verificar isso através da narrativa de um ferroviário em entrevista concedida para Hillig (2005)

Depois do trabalho a gente fazia bate-bola. Ou treinava no Riograndense ou treinava naquele outro lá do três. Tinha futebol. Fazia bola. Nós temos muitos campeões de bocha aqui em Santa Maria. Uns faziam bocha, outros futebol. (HILLIG, 2005, p.237)

O futebol se espalhou por ser um esporte de regras simples em relação a outros esportes da época e porque a sua prática não exigia equipamentos caros. Os equipamentos podiam ser improvisados, por exemplo, a bola podia ser feita com bexiga de boi e as traves arranjadas com pedaços de madeira.

Em uma época em que as atividades de lazer eram poucas, os jogos de futebol se tornavam um verdadeiro espetáculo para as famílias de ferroviários. De acordo com Flôres (2008), quando se tinha os campeonatos, realizavam-se excursões por meio das estradas de ferro, que chegavam a ter dois mil passageiros, proporcionando, para as famílias de ferroviários, passeios turísticos e muitas dessas famílias aproveitavam a ocasião para visitar parentes que residiam em outras localidades.

Podemos perceber o futebol como lazer na entrevista que segue, a qual foi concedida para Ceura Fernandes em novembro de 2011 e foi retirada do livro *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino*:

O pai era apaixonado pelo Riograndense [...]. A mãe era louca por futebol, somos todas [...]. Minha mãe sempre morou aqui [...]. A gente tem uma ligação muito grande pelo riograndense. A gente sempre viveu nessa zona aqui, acompanhando os jogos. A mãe era fanática, fanática, fanática... Eu lembro que relatavam que quando o pai jogava o mano era pequeno e ela olhava na bancada ela se entusiasmava tanto que atirava o mano pra cima e aparava sem sentir e eu vivia bola, comia bola e o meu pai quando o mano começou a jogar, o mano vinha de tardezinha e ele botava um tijolo pra ele aprender a driblar. (FERNANDES, 2011, p.100 apud FLÔRES, 2012, p.103)

O futebol na ferrovia poderia ser de várzea ou profissional e, em Santa Maria, o futebol de várzea era conhecido como os que ocorriam nas proximidades da ferrovia, com uma

organização informal dos trabalhadores, nos intervalos dos trabalhos ou nos finais de semana. De acordo com Hillig (2005), em entrevista, é possível perceber sobre o futebol de várzea, e sua organização, apesar de ser informal:

Como eu jogava bem futebol, tinha o “Aliado” que era o time da oficina lá, em seguida me entrosei com o pessoal e fui jogar [...] É nesse meio tempo veio um campeonato dos ferroviários, que tinha isso pro lazer. Os ferroviários era uma organização que proporcionava essa liberdade, ai fomos disputar o km 3 e ganhamos o campeonato estadual ferroviário e ganhamos uma faca de prata e ouro do governador. Ai teve uma festa no Aliado. (Entrevista concedida HILLIG, 2005, p.237).

Quanto ao futebol formal, em Santa Maria se tinha o Clube o Riograndense, o qual era patrocinado pela Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, a qual empregava muitos jogadores do Clube e os liberavam para treinos e campeonatos: “vários atletas atuaram como funcionários da cooperativa e das empresas ferroviárias e recebiam seus proventos através destas” (FLÔRES, 2012, p.54).

O futebol acaba assumindo um papel que serve para expressar os sentimentos dos brasileiros, suas paixões, angústias e anseios. De acordo com Daolio (2000, p.35), “é uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras”.

O futebol é percebido como uma paixão nacional, um dos esportes mais populares e acessíveis do país, para alguns indivíduos ele serve para afastamento da realidade, sendo muito mais que lazer. Acredito que para os trabalhadores ferroviários ele servia como momento de diversão com toda a família e amigos e como afastamento de um trabalho árduo.

Em um ensaio de Roberto DaMatta (2006), ao lembrar um ditado popular, o qual aborda que no Brasil existem apenas três coisas sérias: cachaça, o jogo do bicho e o futebol, o autor faz seguinte colocação sobre o futebol:

O futebol entre essas instituições é decididamente a mais moderna e a que chegou ao Brasil por meio de um bem documentado processo de difusão cultural. Tanto que não seria exagero dizer que o futebol ajudou a consolidar a vida esportiva nacional que por meio dele popularizou-se, abrindo as portas da sociedade a uma série de atividades auto-referidas, marcadas por disputas igualitárias apaixonadas, paralelas ao universo duro e penalizante do trabalho que, entre nós, demarca a esfera da “obrigação”, do “castigo”, do “batente” e dos limites impostos pela chamada “dura realidade da vida”. (DAMATTA, 2006, p.136)

Portanto, o futebol faz parte da sociedade brasileira, sendo considerado uma de suas paixões e, através desses jogos, muitas pessoas expressam suas emoções e expectativas. A paixão futebol ou a cultura futebolística está presente de norte a sul do Brasil, esse fato muito se deve aos trilhos que ajudou que esse esporte circulasse pelo país.

3 A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DO RIOGRANDENSE FUTEBOL CLUBE

“O crescimento demográfico torna-se um fator preponderante no atual contexto, em que se vê uma sociedade envelhecendo, e merece algumas explicações sobre as instituições sociais” (GARCES, 2012, p.36). Inicialmente, quando pensei em abordar a questão da velhice nesse trabalho, queria demonstrar como era necessário buscar depoimentos de velhos que não conseguiam mais acompanhar seu time, por seus corpos estarem desgastados ou em baixa condição física. E foi no decorrer do estudo que percebi o equívoco inicial, porque, conforme Motta (2010), existem velhices na pluralidade.

A velhice é um fenômeno biosocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem “velhices”; o que também significa que não existe velho, existem velhos; “velhos e velhas”, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo da vida. (MOTTA, 2010, p.78).

De acordo com Motta (2010), existem velhices na pluralidade, ou seja, não existe somente aquele velho querido e amado por todos que gosta apenas de ficar em casa. Existem velhos dentro de uma pluralidade de velhices, e nesse artigo se apresentam alguns velhos que fazem dessa pluralidade uma realidade, pois vão ao estádio, acompanham seu time, contam histórias do seu tão amado esmeraldino. Isso os faz idosos diferenciados, pois são aposentados ferroviários apaixonados pelo futebol do município.

Na velhice se tem a tendência de relembrar/buscar momentos agradáveis do passado e, dessa maneira, podemos encontrar entre alguns idosos a imagem do Riograndense. Segui entrevista a qual foi concedida para Alexandre Rossatto para o livro *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino* na qual podemos perceber essa relevância como momento de memória agradável

O tratamento do clube em relação aos jogadores era muito bom. Tínhamos boas condições, fardamentos, tratamentos médico. A rede ferroviária ajudava muito o clube. A companhia fornecia gratuitamente os bilhetes dos trens, quando a partida era em outra cidade. Os ferroviários pagavam mensalidade de sócio. A quantia era descontada em folha. O meu desejo pessoal é que o futebol de Santa Maria viva novamente sua fase áurea. (FLÔRES, 2012, p.96)

Verifica-se essa paixão na fala de uma das mais importantes torcedoras do Riograndense Futebol Clube, a professora Agueda Brazzale Leal, que nasceu em novembro 1913, um ano depois da fundação do Clube, era filha de ferroviário e sempre acompanhou o pai que era torcedor fanático e dirigente do Clube. A entrevista foi concedida para Ceura

Fernandes em novembro de 2011 e foi retirada do livro *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino*:

Em primeiro lugar, eu recomendaria o retorno à paixão pelo clube. A paixão faz milagres. A primeira coisa, a gente tem que se encantar e se apaixonar. Tenho acompanhado, através do noticiário, as mudanças, os contratos, os trabalhos. Então, a meu ver, a minha mensagem, a recomendação que deixo para a diretoria é o retorno à paixão pelo clube. E ainda o retorno da valorização do futebol como esporte, fazendo parte da educação de uma sociedade. Se conseguirmos isso será ótimo. E espero que se consiga. E, se Deus quiser, no aniversário dos cem anos do Riograndense eu quero estar lá! Para o centenário do Riograndense (FERNANDES, 2011, p.100 apud FLÔRES, 2012, p.103)

É importante salientar que o futebol do Riograndense em outros tempos era lazer para alguns e agora passou a ser uma de suas principais atividades na velhice.

O envelhecimento humano é um processo contínuo e irreversível, inerente a todos os homens, independentemente de classe, cor, etnia, formação. O que pode diferenciar os efeitos deletérios do envelhecimento sobre o homem são suas experiências pessoais em termos físicos cognitivos e psicossociais; por isso, uma das características principais do envelhecimento é sua heterogeneidade. (GARCES, 2012, p.31)

A memória entre os velhos que estão ligados ao Riograndense através da ferrovia ou por terem trabalhado no clube faz com que eles criem ligações, devido a isso suas narrativas acabam sendo muito similares, pois acaba existindo uma imagem construída sobre o Riograndense.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (HALBWACHS, 1990, p.81).

Muitos preservam verdadeiras relíquias em suas residências sobre a ferrovia e o Riograndense, como fotografias, faixas de campeonatos, atas, documentos e outras coisas que fazem parte do arquivo pessoal de muitos idosos. Sendo assim, a história do Clube se entrelaça com a vida pessoal dos idosos. Dessa forma, a reconstrução da trajetória do clube ou da ferrovia através de uma narrativa, na percepção dos idosos, também está relacionada com a sua própria história pessoal.

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolheremos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (ARTIÈRES, 1988, p.3).

Eles tentam demonstrar, através de suas histórias, a necessidade de se preservar o clube e a ferrovia e, além disso, a luta de muitos para que o Riograndense Futebol Clube estivesse funcionando novamente, demonstrando o interesse, a ligação dessas pessoas em relação ao clube.

Existe também participação dos aposentados ferroviários através do trabalho voluntário dentro da diretoria do clube ou então participação nas partidas como torcedores. Esses idosos acabaram assumindo um papel de atores sociais ativos em luta pelos seus princípios de preservação de seu Clube do coração. Conforme Garces (2012, p.41), a atuação do idoso como ator social: “o ator social, aqui referido como idoso, possui uma capacidade de iniciativa, de opção, para a ação política e social”.

Conforme Camarano e Pasinato (2004 *apud* GARCES, 2012, p.49), “o próprio envelhecimento é fruto de condições sociais que determinam a trajetória do indivíduo ao longo do ciclo da vida”. Isso os leva a determinadas atitudes durante a velhice. A próxima

seção do artigo está baseada em histórias contadas por idosos bem como numa pesquisa bibliográfica.

3.1 Riograndense Futebol Clube

A cidade de Santa Maria sempre foi considerada um pólo ferroviário e foram seus trabalhadores que deram origem ao Riograndense. A fundação do Riograndense Futebol Clube está relacionada com o setor ferroviário de Santa Maria-RS, pois a ferrovia movimentava toda a cidade tanto na questão do trabalho quanto nos espaços para lazer e diversão. A construção dessa breve história sobre o Riograndense Futebol Clube está baseada em narrativa de aposentados ferroviários, bem como em dados que foram coletados para confecção do livro: *Riograndense Futebol Clube*⁶.

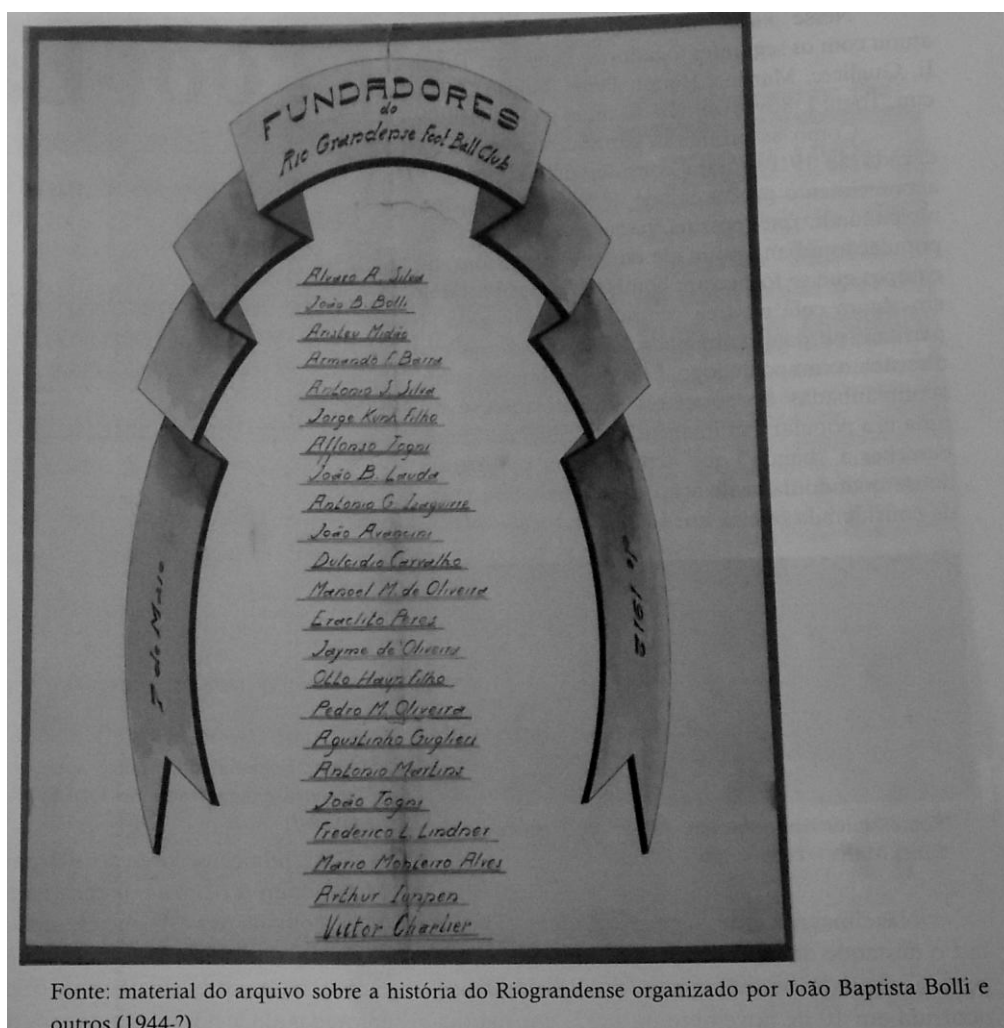
Por iniciativa de um grupo ferroviário que resolveu preservar a prática futebolística em Santa Maria, reuniram-se em 7 de maio de 1912 na residência dos Senhores Antonio G. Izaquirre e João Avancini, localizada na rua Garibaldi, conhecida por “vila familiar”, apartamento 2. Entre os demais presentes estavam Álvaro Silva, Armando F. Barra, Manuel Martins de Oliveira, Jorge Jung Filho, João Baptista Bolli e Afonso Togni.

A reunião tinha como objetivo a organização da prática do futebol entre os ferroviários santa-marienses. Sendo o primeiro ato da diretoria escolher o nome do clube, foi aprovado por maioria o seguinte nome: “FOOT BALL CLUBE RIOGRANDENSE”, após a escolha do nome foi aberta uma lista para angariar sócios e a mensalidade ficou combinada que seria de

⁶Os dados e todas as fontes do livro foram coletados pelos seguintes pesquisadores: João Rodolpho Amaral Flores (Professor da UFSM), Alexandre Rossatto (Mestre em Patrimônio-UFSM); Antonio Augusto D. Berni (Mestre em Ciências Sociais-UFSM); Candido Otto (Jornalista); Henrique Cignachi (Mestre em Ciências Sociais); Juliana Franchi (Mestre em Integração Latino-Americana); Nathalia Lima (Mestranda em Extensão Rural); Rosana Vargas (Mestranda em Ciências Sociais); Trícia Cardoso (Bacharel em Ciências Sociais). A pesquisa desse livro tem créditos de todos esses autores, já citados.

um mil Reis. Sendo que os inscritos até 30 de maio de 1912 seriam considerados sócio-fundadores e isentos da jóia de 5 mil reis.

São considerados fundadores do Clube: Álvaro A. Silva, João Baptista Bolli, Aristeu Midon, Armando F. Barra, Antônio S. Silva, Jorge Kuhn filho, Affonso I., João Bapstista Lauda, Antonio Gonçalves Izaguirre, João Avancini, Dulcídio Carvalho, Manoel M. de Oliveira, Eraclito Peres, Jayme de Oliveira, Otto Haupt Filho, Pedro M. Oliveira, Agustinho Moreira Alves, Antonio Martins, João I., Frederico L. Lindner, Mario Monteiro Alves, Arthur Iuppen e Victor Charlier.



Fonte: material utilizado no Livro **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro – esmeraldino**. Santa Maria: NEP/UFSM, 2012, p. 49.

Quanto à decisão sobre as cores do clube, foram escolhidas branco e encarnado, pois as mesmas representavam a paz e guerra e, na assembléa de 30 de março de 1914, foi aprovado o estatuto do clube, dizendo, no nono capítulo, artigo 10, que as cores do riograndense seriam: verde e encarnado. Como pode ser percebido no material que segue:



Fonte: material faz parte do arquivo sobre a história do Riograndense organizado por João Baptista Bolli e outros. Sendo que foi resgatado para a pesquisa do livro *Riograndense Futebol Clube: No coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino*.

A primeira atuação do Riograndense no cenário esportivo da cidade foi realizada em um domingo à tarde, no dia 13 de outubro de 1912. O jogo foi contra o Santa Maria S.C, sendo realizada no antigo Prado, área atualmente ocupada pelo colégio Cylon Rosa. O placar final ficou em Santa Maria 2 e Riograndense 0, após a partida os jogadores e torcidas foram guiadas pela banda Lyra popular do Prado até o Café Central. A banda acompanhou as primeiras partidas futebolísticas, no início da década de 1910, pois os jogos eram considerados um grande espetáculo na cidade, que na época possuía uma população urbana

estimada em 15.000 pessoas. Na imagem se tem a “banda” que acompanhou o Riograndense em sua primeira partida oficial.



Fonte: Retirado do Livro: **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro –esmeraldino.**
Santa Maria: NEP/UFSM, 2012, p. 50.

De acordo com notícias do *Diário do Interior*, o primeiro time do Riograndense seria formado por trabalhadores ferroviários: Silva Martins, Falcão, Vancino, Collares, Perez, Izaguirre, Castilhos, Guglieri, Togni e Trussardi. Na imagem que segue, podemos perceber esse primeiro time.



Fonte: Retirado do livro: **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro –esmeraldino.**
Santa Maria: NEP/UFSM, 2012, p. 94.

A segunda partida foi realizada em 10 de novembro contra o grêmio Ginásial, o qual

era formado por jogadores do Sport Clube 14 de Julho e do São Luiz. Novamente o Riograndense não levou a vitória, ficando o placar 2X0 Para o Grêmio Ginásial.

A criação do Riograndense aconteceu antes da COOPFER (Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea), e pelo menos nos primeiros anos de suas atividades não teve relação mais direta com a Cooperativa. A partir de 1920, além de contar com o apoio da VFRGS, empresa que incentivava as práticas desportivas entre seus funcionários, também recebeu aporte da COOPFER, porque muitos de seus atletas eram funcionários da entidade. Depois, com o passar dos anos, tornou-se uma agremiação do primeiro escalão do futebol gaúcho (FLÔRES, 2008, p.280).

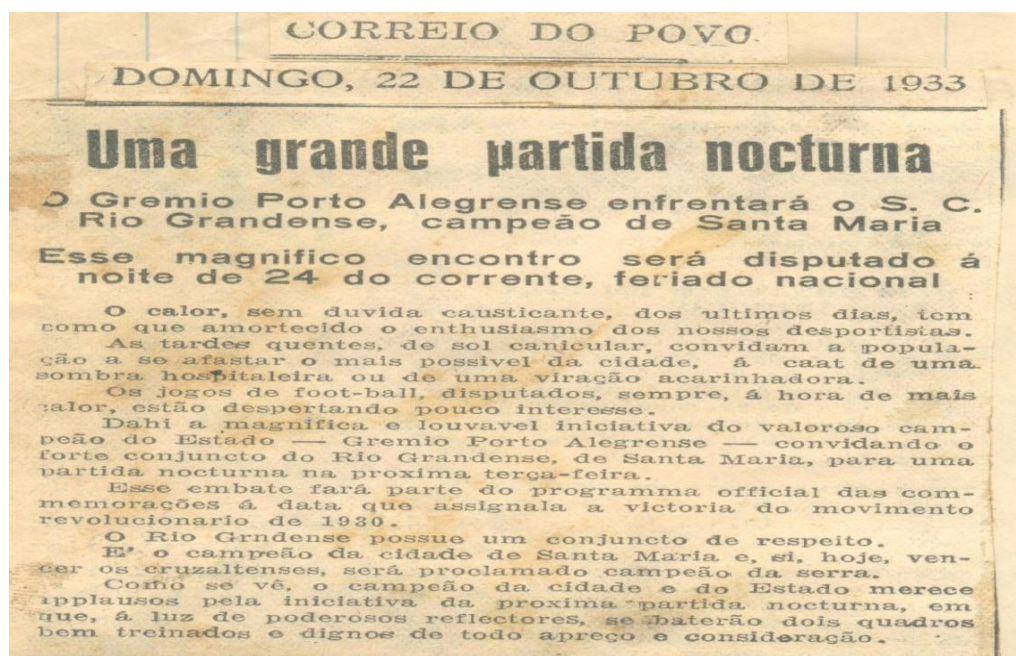
Segundo dados de Flôres (2008), em várias cidades que possuíam ferrovias, o futebol obteve reconhecimento devido à presença dos ferroviários, tanto no futebol amador quanto no profissional, e diversas equipes de futebol foram formadas por trabalhadores ferroviários. Nesse período, várias equipes possuíam o mesmo nome, por exemplo, havia o Riograndense de Cruz Alta, o Riograndense Passo Fundo e o Riograndense de Santa Maria, e existia rivalidade entre as equipes. Conforme Flôres (2008), “entre elas a rivalidade era bastante acentuada, sendo corriqueiros os conflitos entre torcedores e apedrejamento de trens que transportavam os times e torcidas quando da realização de campeonatos”. O Riograndense foi campeão santa-mariense e da região central por vários anos. Destacava-se a rivalidade com o Esporte Clube Internacional, que foi fundado em 1928, e a sua equipe era formada por servidores públicos municipais e dos correios e telégrafos.

O Riograndense tem uma importante conquista que foi ser vice-campeão estadual em 1921.



Fonte: Retirado do livro: **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro-esmeraldino**. Santa Maria: NEP/UFSM, 2012, p. 94.

Na década de 30 o esmeraldino jogou com o Olympia F.B.C, de Montevidéu (Uruguai), o qual se acredita que foi o primeiro jogo de caráter internacional realizado no município. O Riograndense foi convidado pelo Grêmio Porto Alegre para uma partida:



Fonte: Retirado do livro: **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro-esmeraldino**. Santa Maria: NEP/UFSM, 2012, p. 62.

Na década de 50 ocorreu a iluminação do estádio, o que permitia partidas noturnas. Conforme dados do Jornal *A RAZÃO*, de 24 abril de 1955, essa iluminação foi feita com colaboração dada pela ferrovia gaúcha.

Na década de 70, mesmo possuindo como dirigentes pessoas dinâmicas que fizeram tentativas para não deixar o clube ficar numa situação de degradação, as dificuldades financeiras e estruturais começaram a ser percebidas. Na década de 80, os problemas financeiros aumentaram. De acordo com Flôres (2012, p.77), “patrimônios do Clube foram sendo dilapidados, e inclusive o seu sistema de iluminação de jogos noturnos, que tanta empolgação gerou na década de 1950, foi desativado e transformado em moeda de indenizações”.

O retorno do Riograndense Futebol Clube acontece no ano de 2003, quando esse se consagra na série C do Campeonato Gaúcho como Vice-Campeão. De acordo com Flôres (2012, p.78), “a partir de então, tem havido uma intensa mobilização de seus torcedores, dos quais muitos se tornaram dirigentes, no intuito de criar as condições mínimas de estruturas administrativas e para o bom desempenho do departamento de futebol, procurando sanar problemas ainda persistentes deixados por gestões passadas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, assim, que a relação da ferrovia com o Riograndense existe desde sua origem, o clube recebeu apoio financeiro do setor ferroviário durante muitos anos e também ficou com problemas financeiros quando a ferrovia começou a entrar em decadência, muito em virtude disso, teve seus portões fechados.

A ligação entre ambos continua, como foi percebido, pois muitos aposentados ferroviários ajudaram o Clube a se erguer novamente e, além disso, alguns idosos tentam preservar a história da ferrovia bem como a história do clube através de suas narrativas, que também acabam retratando a cultura da cidade de Santa Maria-RS. Essas narrativas foram buscadas entre idosos que participam ativamente das atividades do Riograndense. Em relação aos depoimentos dos idosos, ajudaram para uma melhor compreensão acerca do Riograndense, o Clube desportivo tão valorizado entre os ferroviários de Santa Maria - RS.

Portanto, a realidade do Riograndense é a de que possui pessoas que trabalharam na ferrovia que atuam de diversas maneiras na preservação desse clube. O futebol do Riograndense é um dos mais respeitados da região central do Rio Grande do Sul, possui um estádio que está passando por reformas devido ao centenário do clube, tem uma torcida grandiosa composta de ferroviários, filhos e netos e demais pessoas da cidade de Santa Maria.

ABSTRACT:

This article proposes to make a study about a football club in the city Santa Maria - RS, specifically Riograndense Football Club, this study was conducted, because the club has its origin directly related to rail industry and currently has numerous railroad retirees who perceive the club as leisure time. The study using a historical method, in which oral testimony is sought for seniors who are related to club and, moreover if sought documents, photographs and literature was made a raise, so that I could convey the relationship between the Riograndense rail industry and Santa Maria-RS.

Keywords: Railroad Football Seniors.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 11, n.21, p.9-34,1988.

DAOLIO, Jocimar: As Contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **FUTEBOL: PAIXÃO E POLÍTICA**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DAMATTA, Roberto: **A bola corre mais que os homens: duas copas**. Rio Janeiro: Rocco, 2006.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **O Pragmatismo Político dos Ferroviários Sul-Rio Grandense:** com foco histórico na cidade de Santa Maria. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

_____. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S:** profissão, mutualismo, cooperativismo. Santa Maria: Pallotti, 2008.

_____. **Fragmentos da História Ferroviário Brasileira e rio-grandense:** fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS). Santa Maria: Pallotti, 2007.

_____. (Org.). **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro –esmeraldino.** Santa Maria: NEP/UFSM, 2012.

GARCES, Solange Beatriz Billig. As teorias do (des)engajamento social do idoso e sua relação com a ação social de weber. In: GARCES, Solange Beatriz Billig (Org.). **O envelhecimento na (pós)modernidade: uma visão interdisciplinar.** Ijuí: Ed. Unijui, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HILLIG, Silvana Grunewaldt. **Entre trilhos e sobre rodas Racionalização, disciplina e resistência no Sistema Férreo do Rio Grande do Sul (1920-1949)**

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

JOBIM, André Vinicius Mossate. **Resistência Ferroviária: a greve de 1936 em Santa Maria.** 2008. Monografia de graduação em História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **FUTEBOL: PAIXÃO E POLÍTICA.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MOTTA, Alda Britto. Visão Antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E; et al. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza & BORENSTEIN, Miriam Süsskind: **O Método De Pesquisa Histórica Na Enfermagem.** In: Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2005 Out-Dez; 14(4):575-84.). Acesso em 15/03/13 : <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a15v14n4.pdf>